

notas sobre a informação



- artigo
- Jornal do Fundão

23 de Janeiro de 1981

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

a informação.

20/1/81

Maria de Lourdes Pintasilgo

Maria de Lourdes
Pintasilgo



Notas sobre a informação...



O espantoso aumento do volume das operações de mass-media no mundo de hoje (basta pensar nos 36 jornais diários portugueses e nos 250 jornais regionais) constitui um verdadeiro salto quantitativo que põe novas exigências de uma mudança qualitativa na forma de abordar a comunicação social.

Os mass-media não podem ser encarados simplesmente em termos do efeito cumulativo dos números de estações emissoras, jornais e espectadores de televisão. Esse efeito cumulativo traduz uma outra perspectiva. Há novos modos de formação do pensamento e das opiniões do indivíduo — «o meio é a mensagem», para citar a fórmula de hoje largamente difundida. Há novos tipos de inter-relações entre pessoas e grupos que lêem, ouvem ou assistem aos mesmos acontecimentos, independentemente do lugar em que esses mesmos acontecimentos ocorrem. Há novas formas de interacção entre as nações, com desequilíbrios, descontinuidades e distorções nas informações recebidas e transmitidas, bem como efeitos de justaposições, misturas e conexões de acontecimentos aparentemente não relacionados uns com os outros.

As mudanças qualitativas que se observam nos mass-media têm sido consideradas por certas fontes científicas como a emergência de um novo poder. Num certo sentido estamos perante uma revolução com efeitos tão drásticos na vida dos indivíduos como o foi a revolução industrial que se iniciou na segunda metade do século XVIII. O problema da revolução industrial foi formulado em termos de poder económico no contexto do poder político. Depressa se viu que a manipulação dos homens por forças económicas não poderia ser regulada por moralizantes declarações de boas intenções. E tiveram assim que

ser criados novos mecanismos e por vezes estruturas inteiramente novas.

Mas, com os mass-media enfrentamos um poder de uma natureza totalmente nova e diversa. Deste modo, as regras que se aplicam às relações entre o poder económico e o poder político não se adequam à análise do novo poder dos mass-media. Este novo poder introduz-se na nossa vida diária e dá forma às nossas opiniões. Num artigo do jornal «Le Monde» em que se analisava a influência dos locutores de televisão, perguntava-se ingenuamente: «Porque precisamos nós de ver o noticiário na televisão todas as noites se já lemos as mesmas notícias nos jornais ou já as ouvimos na rádio?» Que novo mito acorda em nós esta intrusão visual do mundo nas nossas casas através da televisão?

O poder dos mass-media não é necessariamente um poder centralizado. O poder tem muitas facetas — e os países que recentemente viveram uma revolução testemunharam o carácter difuso e descentralizado do poder que, em períodos mais estáveis, parece estar firmemente mais implantado no topo das diferentes pirâmides de tomadas de decisão.

Conhecemos muito pouco sobre este novo poder resultante da tecnologia moderna. Mas não tenhamos a ilusão que seja possível pensar sem descontinuidade acerca das mudanças que se verificaram nos últimos 30 anos.

Trata-se de aspectos radicalmente novos. Como afirmava o relatório preliminar da comissão que internacionalmente estudou os problemas da comunicação, é preciso encarar a nova realidade: «os media de hoje formulam programas mentais». Quer isto dizer que são transmissoras de modelos de sociedade, de estilos de vida, de valores e de comportamentos. Quer isto dizer que se im-

Continua na pág. 17

Maria de Lourdes Pintasilgo



inscrevem nas suas agendas olhares nacionais que fronteiras, raros são os grandes vindas dos registos de Apolonia e umas curiosidades reportagem anual em Santa praz-se com a obrigatoriedade do futebol; a televisão com a de trás das balizas do vido e umas piladas de saudades com folclore mal ouca quase se limita a expelir portugueses; a Rádio pública, centralização de emigrantes nas zonas de maior concentração, permanentes, portugueses não tem correspondência. A Agência Noticiosa Portuguesa, ora para os «votos da remessas dos emigrantes», ora para as «temporadas políticas» conforne os apelos se dirigem identitica determinadas uma opinião pública que co, são insuficientes para do grosso aparato estatístico, apesar de serem importantes, apesar

esperemos
che os olhos.
entanto
lam as palavras dos livros.
café à tarde,
para os tectos das casas
para-me sorrir;
ar atrás de mim
terroso.
fazer-nos crer
antido,
cos da nossa idade jovem?

ncia? Regional?

Fundação Cuidar o Futuro

Notas sobre a informação...

Continuação da pág. 3

põem à identidade cultural pré-existente, quer por um afrontamento radical, quer por uma erosão dos seus fundamentos psico-sociológicos.

Deste modo, a sociedade é modelada por elementos que lhe são essencialmente estranhos. A sua capacidade de desenvolvimento endógeno é posta radicalmente em questão por aqueles que deveriam ser os seus primeiros artesãos. Fica assim ameaçado o seu papel na interacção das culturas, ou reduzido apenas a algumas expressões superficiais e folclóricas.

Imediatamente se anula o processo interno que conduz a um projecto sócio-cultural original e bem como as relações internacionais baseadas numa posição de igualdade no que se refere à autonomia cultural.

É a este nível que se situa a nova ordem internacional da informação. Só num novo equilíbrio de comunicação é que as socie-

dades se tornam capazes de se criarem a si mesmas, de enfrentarem a sua evolução histórica e de se darem um destino mobilizador de homens e mulheres e integrador de todos os esforços dispendidos.

É preciso que esta nova ordem conduza a uma melhor distribuição dos meios e dos canais da informação. O «colonialismo» da informação, o desequilíbrio gritante das possibilidades em matéria de comunicação, a dependência da maioria dos países em relação aos canais da informação de que um pequeno grupo de nação é único detentor, são aspectos muitas vezes sublinhados e que justificariam, por si só, uma Nova Ordem Internacional da Informação.

Mas seria manifestamente insuficiente reduzir esta nova ordem a um simples reajustamento quantitativo que equilibrasse o fluxo da informação entre o Norte e o Sul.

É necessário interrogar-

mo-nos, em cada sociedade, sobre a mensagem de entendimento internacional que os mass-media trazem consigo. Por exemplo, serão inofensivas para a paz os mass-media que, em todas as regiões do mundo, dão prioridade à capacidade de ter e possuir sobre a de ser e viver? Serão inofensivos para uma compreensão internacional, numa era planetária, os mass-media que mantêm uma visão provinciana, senão nacionalista, limitando a mentalidade das pessoas ao seu pequeno canto do mundo? Serão inofensivos para a luta contra a propaganda da guerra os filmes televisivos, que se continuam a exibir em todo o mundo, sobre guerras do passado? Serão inofensivos para a eliminação do racismo os mass-media que persistem em ignorar os marginais, os membros sem voz, das suas sociedades?

20/1/81

Maria de Lourdes Pintasilgo